

PARADIGMAS CRÍTICOS E OS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UFSCar SOROCABA

Lucas Gutierrez Trevisan

professorlucastrevisan@gmail.com¹

Resumo

Os paradigmas científicos exercem influência nas práticas de pesquisas e também são parte integrante da visão de mundo dos pesquisadores que carregam suas concepções para diferentes áreas de suas vidas, incluindo seus processos de ensino-aprendizagem, esta perspectiva instiga uma investigação a respeito dos egressos do curso de Licenciatura em Geografia da UFSCar Sorocaba para que se possa identificar em suas práticas educacionais e de pesquisa, os elementos presentes em seu projeto político pedagógico referente ao perfil esperado dos egressos desta graduação.

Palavras-chave: Práticas, projeto político pedagógico, investigação.

Introdução

Este trabalho representa um registro da produção que ocorreu após a conclusão de um semestre da disciplina de Epistemologia da Geografia: Teoria, método e metodologia de Pesquisa, ministrada pelas professoras Edelci Nunes da Silva e Lourdes Carril no programa de pós-graduação em geografia (PPGGeo.) na segunda metade do ano de 2018, no decorrer desta disciplina diversos paradigmas científicos foram visitados incluindo uma vasta seleção de autores como Lefebvre, Kant, Milton Santos e Carlos Augusto Figueiredo Monteiro e esta grande quantidade de autores foi empregada para que pudéssemos analisar diversos paradigmas científicos que são comumente utilizados em pesquisas no ramo da geografia.

A exploração da obra desses autores incitou uma tentativa mais elaborada de aproximação dos conteúdos da disciplina e a intenção de pesquisa do presente autor, este trabalho também representou uma oportunidade de aplicação de metodologias de pesquisa que serão necessárias para a dissertação que será apresentada ao final do curso, sendo assim foram

¹ Professor da rede pública do Estado de São Paulo. Mestrando em Geografia – UFSCar Sorocaba.



utilizadas algumas técnicas de pesquisa que foram apreendidas no decorrer da formação deste estudante durante o semestre, essas metodologias envolveram aspectos da pesquisa qualitativa.

Para explicar como foi feita a aproximação dos conteúdos da disciplina com a intenção de pesquisa é necessário que seja feita uma descrição desta abordagem, que diz respeito à formação crítica de professores desenvolvida pelo curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, bem como a atuação profissional crítica dos egressos desse curso. A análise desta atuação é campo fértil de pesquisa e suscita questionamentos, sendo que a presente investigação orienta-se pela experiência profissional dos hoje professores de geografia egressos da UFSCar, mais especificamente acerca de suas carreiras acadêmicas, no que diz respeito a escolha de paradigmas científicos para elaboração de trabalhos.

Para realização do levantamento de informações sobre o egresso do curso de licenciatura em Geografia da UFSCar, foi feita uma análise do projeto político pedagógico do curso. A partir desta análise, percebeu-se uma orientação filosófica e metodológica, que remete à presença do termo “crítica”.

Os rumos atuais da evolução da ciência geográfica têm se apresentado como importante vetor de produção e difusão de projetos inovadores que levam em consideração a promoção coletiva da vida em comunidade. Este fato justifica a criação do curso de graduação como meio de formar profissionais críticos que visualizem e reflitam sobre as condições de vida atuais e trabalhem com o conceito de sustentabilidade como parâmetro de reflexão para construir e apresentar projetos de emancipação e participação social coletiva. (SILVA e LANA, 2008, p.40).

Neste sentido, podemos destacar o uso do termo “profissionais críticos”, sendo este um termo que delinea um viés filosófico e que se repete em outros momentos no mesmo documento:

O Curso de Graduação em Geografia, na modalidade de Licenciatura, tem a capacidade e a intenção de formar professores e gestores educacionais que buscam produzir conhecimento crítico sobre o lugar e o papel da formação discente, no sentido de permitir entendimento amplo e aprofundado sobre a contribuição da ciência geográfica para compreender a realidade complexa do período contemporâneo. (SILVA e LANA, 2008, p.40).

A presença repetitiva de tal termo leva a uma reflexão, pois se sabe que a descrição do egresso orbita em torno do que o projeto político pedagógico chama de profissionais críticos.

Metodologia.

A soma da intenção de pesquisa aos conteúdos da disciplina sugeriu uma investigação a respeito do tipo de pesquisa científica realizada pelos egressos do curso de licenciatura em Geografia da UFSCar, mais especificamente sobre seus objetos de pesquisa e quais os paradigmas científicos que os egressos consideram ou consideravam mais adequados para a realização das pesquisas e qual a razão desta escolha feita, ainda verificou-se se o teor crítico presente no projeto político pedagógico do curso teve influência nessa escolha de objeto de pesquisa e forma de trabalho empregada.

Para realizar essa investigação, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, essa prática levou em conta a metodologia da pesquisa qualitativa sendo assim, duas das entrevistas foram realizadas por meio de telefonemas e duas foram realizadas pessoalmente e partir das informações levantadas foi feita uma análise referente ao foco investigado.

Em Lüdke (1986) podemos ver que este tipo de trabalho não descarta a utilização de práticas quantitativas, uma vez que, tabulação e utilização estatística podem ser benéficos para uma pesquisa embasada em entrevistas de um determinado grupo amostral e para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Os consultados tiveram suas identidades protegidas por pseudônimos para que sentissem maior liberdade na hora de responder as perguntas.

Fundamentação teórica

A fundamentação teórica foi organizada a partir de uma pesquisa bibliográfica que se balizou de acordo com autores que descrevem definições de práticas críticas e a influência do Materialismo histórico dialético dentro de uma perspectiva dos processos de ensino-aprendizagem.



Essa orientação de trabalho pôs em diálogo autores como Marcos Nobre, Paulo Freire, Ana Maria Canavarro Benite e Lana de Souza Cavalcanti, que foram utilizados para delinear os contornos do que se entende por uma prática crítica e qual a relação que esta estabelece com o paradigma do Materialismo Histórico Dialético.

Entrevistas

Quadro 1: Informações entrevista I.

Entrevista I: Rogério	Entrevista realizada pessoalmente semiestruturada
Idade:	29 anos.
Ano de formação:	2013.
Tempo de experiência em sala de aula:	8 anos.
Área de pesquisa de TCC:	Geografia urbana.
Instituições onde trabalha ou já trabalhou:	Atua na rede particular.
Data da entrevista:	13/01/2019

(Organização: Lucas Gutierrez Trevisan, 2019).

Rogério é mestre em Geografia, portanto tem mais proximidade com a produção de conteúdo científico e acadêmico, quando perguntado sobre o caminho teórico que percorreu para produzir seu TCC respondeu:

Usei o Materialismo histórico dialético, referência municipal através de jornais, usei Lefebvre, usei Milton Santos, mas foi mais lefebvriano o trabalho, pois eu entendo que pra estudar você não explica a cidade por ela mesmo, você tem que revelar o conteúdo do espaço que esta preso ao passado, o conteúdo está definido pela forma, então a forma da origem a um certo conteúdo, algumas atividades comportam e outras não por conta da forma daquela estrutura, então no caso do materialismo ele leva você a pensar o porque daquela forma estar lá e qual a perspectiva dessa forma estar no presente, então usei o MHD para entender o mosaico urbano.” (ROGÉRIO, 2018, Informação verbal).

Na seguinte fala ele exemplifica uma reflexão provinda do MHD:

Por exemplo, a rua da penha é uma rua estreita, então é uma rua que foge do padrão atual de construção de via, mas o que explica ela ser uma via central de Sorocaba? Sendo estreita, só passa um carro então você tem que ver na

história que essa foi uma rua concebida pela carroça e adaptada a um novo modelo de urbanização, então avançou na história, mudaram os recursos técnicos, ela continua ali, como você vai alargar a rua da penha? Você teria que destruir ela inteira, o que seria impossível, a solução foi o desdobramento de mais um centro que seria o Campolim, então o MHD ajuda a compreender esse movimento, adaptação, inércia, as vezes é até proposital, o MHD ajuda a compreender o espaço como um todo. (ROGÉRIO, 2018, Informação verbal).

Quando perguntado sobre a decisão de usar tal paradigma ele respondeu:

Decidi, pois eu precisava explicar o meio urbano, então não foi exatamente uma escolha, foi meio que inevitável, o meio urbano é constante, mas ao mesmo tempo não é tão perceptível, então eu tive que buscar a história, é impossível trabalhar a geografia urbana sem trabalhar a história do que esta acontecendo, uma análise despregada da história seria você tentar explicar a cidade por ela mesma e descrever apenas, seria um dado falso, limitado demais, então o MHD foi meio que a base pra ter essa visão não só da história mas até mesmo dialética, crítica de como foi a história. (ROGÉRIO, 2018, Informação verbal).

A respeito dessa prática científica descritiva citada, nós podemos relacionar com o Positivismo enquanto método de trabalho.

Como método científico el positivismo es un empirismo inductivo racionalista e decidamente antimetafísico. A ello ve unida una posición naturalista y un reduccionismo científico em el que las ciências de la naturaliza se vierten em el modelo de toda cienticidad, lo cual, a su vez, deriva logicamente de la concepción del mundo, que es esencial a este movimiento. (CAPEL, 1981, p.297).

O Positivismo é antagônico ao MHD por não considerar o processo histórico de formação dos fenômenos, apenas realizando descrições sobre processos e fenômenos tal qual as ciências naturais.

Quadro 2: Informações entrevista II.

Entrevista II: Roberto	Entrevista via telefone semiestruturada
Idade:	30 anos
Ano de formação:	2014
Tempo de experiência em sala de aula:	6 anos
Área de pesquisa de TCC:	Educação e ensino de geografia humana



Instituições onde trabalha ou já trabalhou:	Atualmente atua na rede particular e é professor concursado no estado de São Paulo.
Data da entrevista:	13/01/2019

(Organização: Lucas Gutierrez Trevisan, 2019).

Roberto quando perguntado sobre paradigmas científicos orientadores de suas pesquisas:

Quando me deparei com pesquisas mais aprofundadas e exigentes, eu sempre usei o MHD, pois ele exige colocar uma crítica, assim você pode apresentar uma situação e outras características que essa situação adquiriu conforme o passar do tempo, no meu caso principalmente do ensino de geografia, peguei autores com Milton, me embasou nas questões urbanas e no conceito de paisagem que eu sempre trabalhei, como ele deveria ganhar mais significado? então partindo disso, eu usei visões mais clássicas partindo de Humboldt e Hatzel, mas a minha finalidade foi apresentar uma crítica disso então Milton se encaixou bastante. (ROBERTO, 2018, Informação verbal).

A perspectiva pautada em contraposições denota a apreensão da prática dialética que está sendo trazida para seus processos de ensino-aprendizagem, neste caso Roberto coloca a geografia descritiva dos clássicos tal qual Humboldt, contrapondo a abordagem crítica realizada por Milton Santos.

No TCC, a respeito do ensino de paisagem, usei autores da psicologia e usei Vygotsky com a zona de desenvolvimento proximal e potencial e isso no caso eu extrai dali para acompanhar a minha crítica do que seria a paisagem, utilizando o MHD o que seria o ensino através do Vygotsky e o que seria paisagem através do Milton. Posso dizer que após esse trabalho, eu pude ampliar esses ensinamentos para sala de aula. (ROBERTO, 2018, Informação verbal).

Roberto ainda menciona a influência de Vygotsky em seu trabalho acadêmico e profissional, autor que é reconhecidamente marxista.

Quadro 3: Informações entrevista III.

Entrevista III: Maurício	Entrevista via telefone semiestruturada
Idade:	30 anos
Ano de formação:	2015
Tempo de experiência em sala de aula:	3 anos

Área de pesquisa de TCC:	Impactos ambientais.
Instituições onde trabalha ou já trabalhou:	Atualmente atua na rede particular.
Data da entrevista:	14/01/2019

(Organização: Lucas Gutierrez Trevisan, 2019).

Quando perguntado a respeito dos autores de preferência, Maurício respondeu:

Eu gosto muito do monteiro de Geossistemas e como minha área é totalmente ambiental, o estudo do meio ambiente e estudo de bacias hidrográficas então eu vou estudar esses autores que trabalham com o pensamento geossistêmico, quem são eles, é o Bertalanffy, Sochava, vai ser o Christofletti, vai ser o Tricart, eu sempre costumo usar esses clássicos e não só eles também, uso o Jurandyr Ross com a proposta dele de taxonomia de relevo, também uso muito Aziz, portanto procuro pautar meus estudos na teoria geral dos sistemas, lendo artigos do Troppmair. (MAURÍCIO, 2018, Informação verbal).

Sobre a importância da Teoria Geral dos sistemas, ele disse:

Essa visão sistêmica já vem desde a década de 30, ela foi muito utilizada pelos russos também pelo Humboldt podemos ver muito dessa questão integradora, que tenta captar nos mínimos detalhes tudo que é importante, e eu acho que essa visão integradora ajuda muito, pois você não pode trabalhar em partes dissociadas, eu acho que cada parte complementa a outra e a visão sistêmica é muito integradora, ela é muito interessante nesse ponto de vista, por exemplo, ao estudar uma bacia hidrográfica, você não pode considerar só o rio, só o relevo, só a vegetação, tem uma série de condicionantes, essa visão integradora é importante para o aluno e pra mim como docente pois sempre busco interligar essas informações. (MAURÍCIO, 2018, Informação verbal).

Esta visão integradora mencionada por Maurício fica evidenciada em sua prática escolar, podemos ver isso conforme sua resposta a respeito de outra entrevista aplicada que dizia respeito a outra disciplina do programa de pós graduação em geografia da UFSCar que foi referente ao tema consumo:

Então primeiramente o que eu faço, eu abordo com eles a perspectiva do próprio marketing, mostro pra eles como essas propagandas estimulam o indivíduo a comprar, como os setores de marketing veem evoluindo cada vez mais para acelerar esse processo do consumismo e logo após para manter um equilíbrio eu venho com os impactos, venho com a parte de impactos, como o consumo está prejudicando a questão dos recursos naturais e da própria paisagem como um todo, o próprio mundo como um todo, como isso influi na maneira de nossa vida e como essas ações podem prejudicar, ao fazer isso



, eu coloco na mesa para eles discutirem a respeito, como são as ações diárias deles, o que eles fazem pra contribuir. (MAURÍCO, 2018, Informação verbal).

O debate a cerca da sustentabilidade e a consciência de causa e consequência indicam práticas orientadas por um viés crítico que também se distancia do positivismo.

Quadro 4: Informações entrevista IV.

Entrevista IV : Francisco	Entrevista realizada pessoalmente semiestruturada
Idade:	30 anos
Ano de formação:	2010
Tempo de experiência em sala de aula:	8 anos
Área de pesquisa de TCC:	Geografia urbana
Instituições onde trabalha ou já trabalhou:	Atualmente atua na rede particular.
Data da entrevista:	15/01/2019

(Organização: Lucas Gutierrez Trevisan, 2019).

Francisco quando perguntado sobre paradigmas científicos orientadores de sua pesquisa de TCC, respondeu:

Eu usei muito o David Harvey e o Lefebvre porque eu falei sobre urbanização e urbanismo de modo geral e falei sobre a produção do espaço urbano e essa produção do espaço urbano é feita de maneira crítica, no meu TCC eu falo sobre periferias e condomínios então seria impossível não utilizar o MHD porque os muros estão lá para evidenciar isso, o muro do condomínio que separa ele do bairro periférico que não tem nada, às vezes não tem nem asfalto, evidencia essa contradição, então evidencia o MHD, as pessoas que moravam naquele bairro periférico, trabalhavam colocando grama sintética no condomínio. (FRANCISCO, 2018, Informação verbal).

David Harvey e Lefebvre são dois dos autores mais populares no que diz respeito a análises em Geografia urbana, ambos tem teores marxistas em suas obras e fazem reflexões dialéticas sobre a cidade, quando perguntado sobre a importância dessa linha filosófica para trabalho em sala de aula, Francisco diz:

MHD marxista por si só ou até mesmo a dialética Hegeliana no sentido filosófico da palavra, mas os autores que utilizam isso como o Lefebvre e o Harvey que trazem pros dias mais contemporâneos no sentido que eu consigo recortar isso pro urbanismo, o Marx vai falar de urbanismo, mas vai falar de outra maneira ele vai falar sobre acumulação primitiva, vai falar da produção do espaço urbano Londrino ou de Liverpool ou de Manchester, mas não vai

ser uma coisa sobre o urbanismo em si, então esses autores que interpretaram o Marx, trouxeram muito isso, por exemplo usei o Paul Singer que fala sobre gentrificação do espaço urbano, que torna certos espaços propositalmente mais caros pra que as pessoas sejam expulsas e eu faça uma nova roupagem sobre isso. (FRANCISCO, 2018, Informação verbal).

Resultados acerca das entrevistas

A partir desta consulta, verifica-se uma tendência de uso do MHD para estudos na área de Geografia urbana isso ocorre pelo fato deste paradigma incitar críticas às contradições presentes no espaço urbano que são oriundas de um processo histórico de produção espacial impulsionada pela força hegemônica do capital.

O meio urbano é repleto de contradições que pululam aos olhos do pesquisador orientado pelo MHD, a produção de espaço urbano é marcada por contrapontos tais quais, meio rural e meio urbano, detentores dos meios de produção e assalariados, bairros e condomínios ricos e periferias pobres. Essas dicotomias são catalizadores das reflexões dialéticas, podemos observar alguns contrapontos sobre a cidade em:

A cidade é o resultado da concentração da população, dos instrumentos de produção, do capital, dos prazeres e das necessidades, ao passo que o campo põe em evidência o fato oposto, o isolamento e a dispersão. A oposição entre a cidade e o campo só pode existir no quadro da propriedade privada; é a mais flagrante expressão da subordinação do indivíduo à divisão do trabalho, da subordinação a uma atividade determinada que lhe é imposta (MARX e ENGELS, 2005, p. 83 apud PEREIRA, 2018).

Este tipo de abordagem surgiu na geografia para contrapor as análises descritivas positivistas ainda ligadas ao teor das ciências naturais, segundo análise da geografia crítica, seguir o positivismo pode levar a limitações por gerar bases de dados rasas em conteúdo.

A geografia crítica propõe uma ruptura da neutralidade, suscitando engajamento e criticidade juntamente a conjuntura socioeconômica e política do mundo. Procura ainda uma análise crítica em relação aos problemas e intenções que engendram as relações de poder e proatividade juntamente às causas sociais, buscando a redução das discrepâncias socioeconômicas e diferenças. Defendia ainda a mudança do ensino da geografia nas escolas, ao estabelecer uma educação que estimulasse a inteligência e o espírito crítico.



Em um contexto de pesquisa a respeito de profissionais da educação é interessante reforçar a importância do MHD como paradigma norteador de práticas.

Sob o enfoque do MHD não basta apenas constatar como as coisas funcionam e estabelecer conexões entre fenômenos educacionais. Trata-se de compreender que vivemos numa sociedade capitalista, universalizadora do valor de troca e alienada que precisa ser superada (...). (BENITE, 2009, p.14).

Agora falando especificamente a respeito desta pequena parcela de egressos consultados, descobrir que todos eles utilizam paradigmas que propiciam a crítica não foi uma surpresa, esse fato confirma as intenções do projeto político pedagógico no que diz respeito a formação de um profissional crítico que atua orientado por uma base ideológico que propicia a mudança social. No projeto político pedagógico:

O curso procura formar um profissional que tenha autonomia intelectual proporcionada pela reflexão teórica sobre os diversos conceitos e temas da Geografia Contemporânea, e também pela capacidade para trabalhar no âmbito do ensino crítico da Geografia nos níveis Fundamental e Médio, cujo perfil do egresso seja de um profissional crítico e reflexivo de seu papel na sociedade brasileira, como agente primaz da transformação socioeconômica de nossa nação. (SILVA e LANA, 2008, p.55).

Seria discrepante a formação de um profissional que não tenha uma atitude crítica e que seja insensível para com as contradições históricas geradas pelo capitalismo, este fato não é passível de ser ignorado. Trabalhar de acordo com a cartilha da teoria tradicional é trabalhar em função da manutenção do *status quo*.

Concluindo o trecho da reflexão acerca do perfil crítico dos egressos:

Contra isso insurge-se o *comportamento crítico*, que pretende conhecer sem abdicar da reflexão sobre o caráter histórico do conhecimento produzido. Sendo o capitalismo uma forma social histórica que tem como centro organizado o mercado, trata-se, antes de mais nada, de reconhecer que a produção de mercadorias é o foco a partir do qual se estrutura a sociedade. (NOBRE, 2004, p.39)

Este tipo de prática crítica denota um perfil de egresso que da extrema importância para os valores humanitários e para justiça social, buscando uma equalização que seria benéfica para qualquer tipo de sociedade.

Considerações finais

As investigações demonstraram que a orientação segundo algum paradigma é mais do que apenas uma escolha feita para realização de um trabalho acadêmico, é uma descoberta de uma linha filosófica de pensamento que dialoga com a visão de mundo do pesquisador, estando presente não só nas bibliografias de seus trabalhos, mas também em suas práticas cotidianas, tal fato é relevante se levarmos em consideração que estamos falando sobre professores, então descobrir toda uma geração de educadores críticos e progressistas é razão de otimismo, principalmente levando-se em conta o momento histórico que nosso país vive.

Esses profissionais de perfil crítico são pessoas que através dos estudos adquiriram algum esclarecimento e, portanto trabalham orientados pela possibilidade de mudança das situações de opressão tão presentes no mundo onde vivem.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor do que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 2005, p.18).

Ainda falando da prática deste teor crítico, a obra de Lana de Souza Cavalcanti O ensino de geografia na escola, faz apontamentos a respeito de uma atuação profissional orientada por este viés:

Em uma concepção crítica do papel do professor, que age voltado para o desenvolvimento dos alunos, para a prática da cidadania e para um projeto de justiça social, não há espaço para práticas ingênuas, neutras ou reprodutivistas na atividade docente. No processo do ensino aprendizagem, nos espaços de sala de aula, a atuação do professor sempre a um “mundo maior” e aos destinos dos alunos. (TARDIF e LESSARD², 2008 apud CAVALCANTI, 2012, p.21).

Cidadão é sujeito que possui direitos e deveres, portanto sua consciência é necessária, para que dessa forma evitem-se injustiças, sendo assim, as pessoas devem ter a capacidade de questionar as injustiças e contradições.

² TARDIF, M. e LESSARD, C.(2008). **O ofício do professor**. Petrópolis: Vozes



[...] postula-se que um princípio básico de sua formação seja o de que se forme como um profissional questionador, que problematize a prática e desenvolva teorias sobre ela, com base em suas próprias investigações; um profissional que procure a contribuição dos conhecimentos acadêmicos para analisar e dar respostas às questões da realidade empírica. (CAVALCANTI, 2012, p.25).

Após a realização das investigações podemos entender que estes profissionais educadores e pesquisadores realizam práticas que se aproximam muito do que estava previsto no projeto político pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia da UFSCar Sorocaba, e os paradigmas científicos lhes oferecem conhecimentos de credibilidade por atenderem aos rigores da ciência.

Bibliografia

BENITE, Anna Maria Canavarro. **Considerações sobre o enfoque epistemológico do materialismo histórico-dialético na pesquisa educacional.** *Revista Ibero-americana de Educação*, n.º 50/4, 25 de setembro de 2009.

BOGDAN, R. O.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Editora Porto, 1994.

CAPEL, Horácio. **El Positivismo Y La Geografía/Neopositivismo Y Geografía Cuantitativa. Filosofía Y Ciência em la Geografía Contemporánea: una introducción a la Geografía.** Barcanova, 1981. Os. 267-313 e 367-403.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **"O ensino de geografia na escola."** *Lana de Souza Cavalcanti. – Campinas, SP: Papyrus (2012).*

COLOGNESE, Silvio Antonio; MELO, José Luiz Bica. **A técnica de entrevista na pesquisa social.** *Cadernos de Sociologia*. v. 9, Porto Alegre: UFRGS, 1998, p.143-159.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.^a edição.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social.** *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

NOBRE, Marcos. **A Teoria Crítica.** Rio e Janeiro: Jorge Zahar ED: 2004



PEREIRA, Jesus Marmanillo. **As cidades na perspectiva do materialismo histórico: Marx, Engels e as cidades industriais. Sociabilidades Urbanas** – Revista de Antropologia e Sociologia, v.2, n.4, p. 35-50, março de 2018. ISSN 2526-4702.

SILVA, C. H. C; LANA, R. C. **Projeto Político Pedagógico preliminar Licenciatura em Geografia.** Disponível em:

<http://www.sorocaba.ufscar.br/ufscar/mce/arquivo/pagina22/ppp_geografia3_2014.pdf>.

Acesso em 10/09/2016.